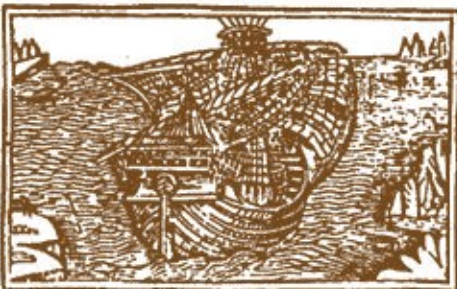


**Tragicomedia alegorica
del parayso y del infierno.**



Alboral representació del diuerio
camino que hacen las animas partiendo desta presente vi-
da figurada por los dos navios que aqui parecen: el vno
del cielo y el otro del infierno. Cuya subtil inuiccion y ma-
teria en el argumento dela obra se puede ver. 1639.

Gil Vicente

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

Gil Vicente | uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Esmeralda Rodrigues, Madalena Toscano e Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Imagem de capa: capa da 1.^a edição do “Auto da Barca do Inferno” [imagem em domínio público]

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas, organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Clique na imagem para aceder ao recurso

Obras digitalizadas pela **Biblioteca Nacional de Portugal** e disponibilizadas em cópia pública, em versão digital.

Assi como foi coisa muito necessária haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhanes, assi foi coisa conveniente que nesta caminhante vida houvesse uma estalajadeira, pera refeição e descanso das almas que vão caminhanes pera a eternal morada de Deus. Esta estalajadeira das almas é a Madre Santa Igreja, a mesa é o altar, os manjares as insígnias da Paixão. E desta perfiguração trata a obra seguinte.

Vicente, Gil. (s/d). *Auto da alma*.

Os textos



Clique na imagem para aceder ao recurso

Edições digitais das obras de Gil Vicente, produzidas pelo Agrupamento de Escolas Leal da Câmara, em Rio de Mouro — Sintra.

Incluindo no projeto da Rede de Bibliotecas Escolares, Ideias com Mérito, as edições digitais estão acessíveis a partir do Blogue “Nativos Digitais Leem+”, em formato epub e pdf.

Os textos



Cota: 821.134.3-2 VIC

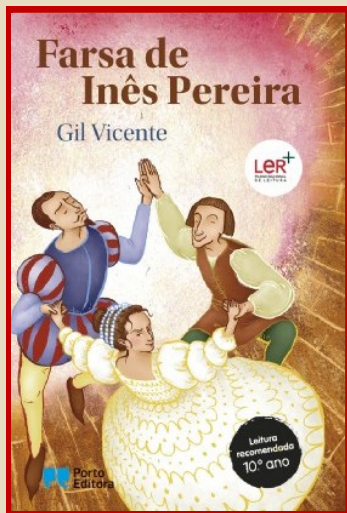
Os textos

Entra primeiramente Mercúrio e posto em seu assento diz:

Pera que me conheçais
e entendais meus partidos
todos quantos aqui estais
afinai bem os sentidos
mais que nunca, muito mais.
Eu sou estrela do céu
e depois vos direi qual
e quem me cá decendeu
e a quê e todo o al
que me a mi aconteceu.

E porque a estronomia
anda agora mui maneira
mal sabida e lisonjeira
eu à honra deste dia

Vicente, G. (2002). *As obra de Gil Vicente* (Vol. 1). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



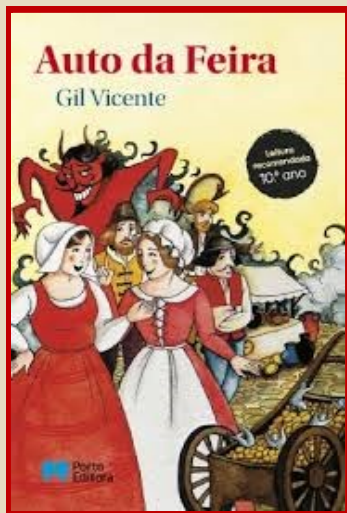
Cota: 821.134.3-2 VIC

Renego deste lavar
E do primeiro que o usou;
Ao diabo que eu dou,
Que tão mau é d'aturar.
Oh! Jesu! Que enfadamento,
e que raiva e que tormento,
que cegueira, e que canseira!
Eu hei de buscar maneira
d'algum outro aviamento.

Coitada, assi hei de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem asa,
Que sempre está num lugar?
E assi hão de ser logrados
dous dias amargurados,
que eu possa durar viva?
E assim hei de estar cativa

Os textos

Vicente, G. (2014). *Farsa de Inês Pereira*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-2 VIC

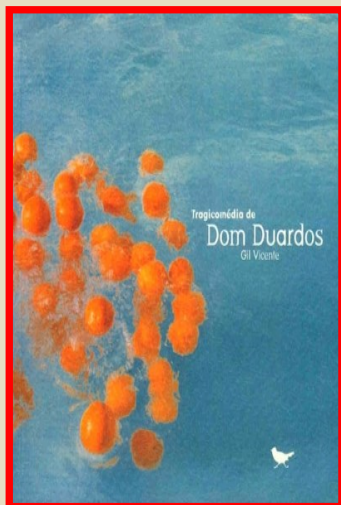
Entra um Diabo com uma tendinha diante de si, como
bufarinheiro, e diz:

Eu bem me posso gabar,
e cada vez que quiser,
que na feira onde eu entrar
sempre tenho que vender,
e acho quem me comprar.
E mais, vendo muito bem,
porque sei bem o que entendo;
e de tudo o quanto vendo
não pago sisa a ninguém
por tratos que ande fazendo.

Quero-me fazer à vela
nesta santa feira nova.
Verei os que vêm a ela,
e mais verei quem m'estorva
de ser eu o maior dela.
És tu também mercador,
que a tal feira t'ofereces?
Eu não sei se me conheces.

Os textos

Vicente, G. (2014). *Auto da feira*. Porto: Porto Editora.



Cota: 821.134.3-2 VIC

Começam as obras do Livro terceiro que é o das tragicomédias.

E esta primeira é sobre os amores de Dom Duardos, príncipe de Inglaterra, com Flérída, filha do imperador Palmeirim de Constantinopla. Foi representada ao sereníssimo príncipe e poderoso rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal. . (...)

Entra primeiro a corte de Palmeirim com estas figuras: Imperador, Imperatriz, Flérída, Artada, Amândria, Prima-leão, Dom Robusto. E depois destes assentados entra Dom Duardos a pedir campo ao Imperador com Prima-leão seu filho, sobre o agravo de Gridónia, dizendo:

Famosíssimo senhor, / vossa sacra majestade/seja exalçada/e viva o seu resplendor.... (p. 21).

Auto da Barca do Inferno



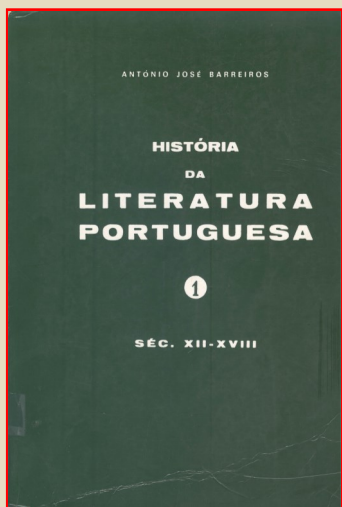
Clique na imagem para aceder ao recurso

Num ancoradouro, dois barqueiros, um Anjo e um Diabo, aguardam passageiros que viajam para o outro mundo. Este é o pano de fundo para o quadro que Gil Vicente, dramaturgo da corte portuguesa no século XVI, vai desenhar da sociedade de então.

Representado pela primeira vez em 1517, O “Auto da Barca do Inferno”, tem como ação o julgamento num cais, onde os juízes, um Anjo e um Diabo, discutem quem entrará na barca de cada um, condenando os seus passageiros à viagem para o Céu ou para o Inferno. Dramaturgo na corte, onde viveu cerca de 35 anos, foi o homem de confiança da Rainha D.^a Leonor e, para além de escrever e encenar as suas peças, organizava também as Festas Reais.

Rádio Televisão Portuguesa. (2010. *Grandes livros—Auto da Barca do Inferno* [Vídeo em linha]. Lisboa: RTP. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/auto-da-barca-do-inferno-de-gil-vicente/>

Sobre os textos



Cota: 80(09) BAR

As personagens do teatro vicentino são, na sua grande maioria, personagens-tipos. Personagens individuais surgem em algumas moralidades e em peças de exaltação patriótica: a Virgem Maria, a Cananeia, Abel, Job, Policena, Pantasileia, Aquiles, Heitor, Cipião, Sibila Cassandra, Mercúrio, etc. Personagens-caracteres mal se vislumbram.

A personagem-tipo age e fala como representante quer de uma classe da sociedade quer de um grupo de pessoas irmanadas pela mesma tendência psíquica (tipo psicológico). O Fidalgo, o Escudeiro, o Cavaleiro, o Frade, o Juiz, o Físico, o Almocreve, o Sapateiro, o Lavrador, etc, são exemplos de tipos sociais. Tipos sob certo aspecto psicológicos são o Onzeneiro... (p. 253).

Barreiros, A. J. (1992). *História da literatura portuguesa* (15.^a ed., Vol. 1). Braga: Bezer-ra Editora.

Sobre os textos



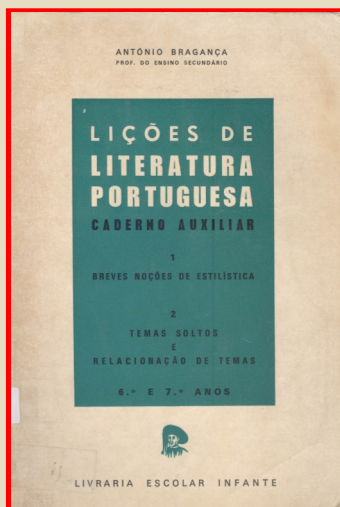
Cota: 80(09) BRA

A vida pública na Idade Média começou nas catedrais, onde o povo fazia as eleições e os contratos, as revoltas pela liberdade, e se fortificava pela unanimidade dos sentimentos; o teatro foi uma consequência da vida pública, ligando-se às formas ritualísticas das festas do Natal, Reis e Páscoa, e transitando da sua origem na basílica para a paródia da vida civil nas comédias de Basoche, até chegar a exprimir as audácias da opinião popular. Quando no século XVI se desenvolve a vida burguesa e mercantil, pelas condições dos descobrimentos marítimos, simultaneamente criou Gil Vicente a forma dramática na literatura portuguesa, como um órgão espontâneo da opinião pública, lutando nas suas farsas e autos pela liberdade de consciência... (p. 33).

Braga, Teófilo (2005). *História da literatura portuguesa: renascença* (3.ª ed., Vol. 2).

Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos



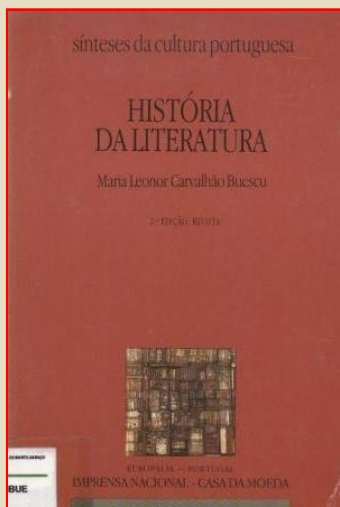
Cota: 81 BRA

Gil Vicente animou as cortes dos reis D. Manuel e D. João III durante trinta e quatro anos, isto é, desde 1501 a 1536, com 47 autos - termo genérico que tanto designava as obras de feição religiosa como profana -, embora conheçamos apenas 44, além das obras menores. Neste número estão incluídos os autos pastorais (de carácter religioso), as farsas e as comédias.

Com o desaparecimento daquele dramaturgo o teatro da Corte declinou, transferindo-se para as casas privadas e para as praças. Viveram na sua órbita ou seguiram na sua esteira, cultivando-lhe os temas, Afonso Álvares com peças de carácter hagiográfico, António Ribeiro Chiado, o mais popular de todos, Baltasar Dias, António Prestes, Jerónimo Ribeiro, Anrique Lopes, João Escovar e outros menos conhecidos.

Sobre os textos

Bragança, António (1971). *Caderno auxiliar das lições de literatura portuguesa*. Porto: Infante.

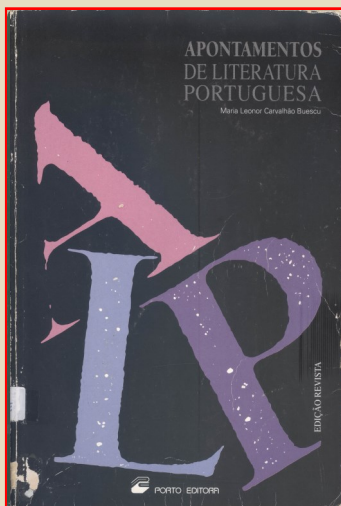


Cota: 80 BUE

Uma das riquezas da obra de Gil Vicente consiste, precisamente, na variedade e na realidade conseguida através duma perfeita adaptação entre linguagem e personagem: as ciganas, os mouros, os judeus, os negros, franceses e italianos, rústicos e cortesãos, crianças, cada qual utilizou um falar próprio e característico. É nas farsas que a sátira vicentina à sociedade portuguesa, numa visão eminentemente subjetiva, se encontra, todavia, mais objectivamente analisada: desfilam aos olhos do espectador, frades corruptos, as mulheres adúlteras, os maridos enganados, as alcoviteiras, os magistrados venais, os funcionários subornados ou incompetentes, as moças frívolas e preguiçosas, as mães desejosas de casar as filhas, as velhas... (p. 34).

Buescu, M. L. C. (2001). *História da literatura* (2.ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos



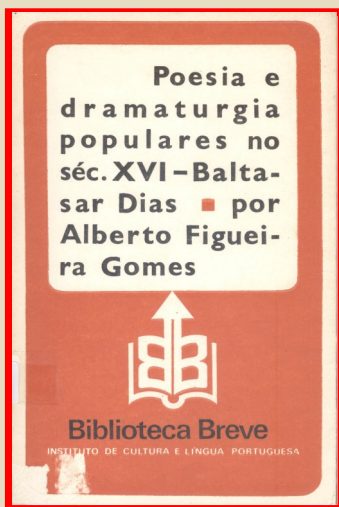
Cota: 80 BUE

Partindo do teatro religioso e popular da Idade Média e dos temas pastoris utilizados por Encina, Gil Vicente constrói a primeira fase da sua obra - a fase pastoril – cujos temas, contudo, não deixará de retomar no decorrer da sua longa vida literária. No entanto, o que caracteriza e surpreende sobretudo na obra do dramaturgo português, é a constante e fecunda renovação dos seus temas e motivos de inspiração; e, depois de haver ensaiado as próprias possibilidades, liberta-se dos modelos iniciais e cria uma obra notável pela originalidade e pela variedade de temas e processos, em que dá largas a uma

- imaginação brilhante;
- observação aguda, nomeadamente no perfil psicológico dos personagens,
- severidade moral servida por um espírito satírico profundamente contundente, tornando-se um crítico social e fazendo das suas peças... (p.

Buescu, Maria Leonor Carvalho (1993). *Apontamentos de literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.

Sobre os textos



Cota: 80 GOM

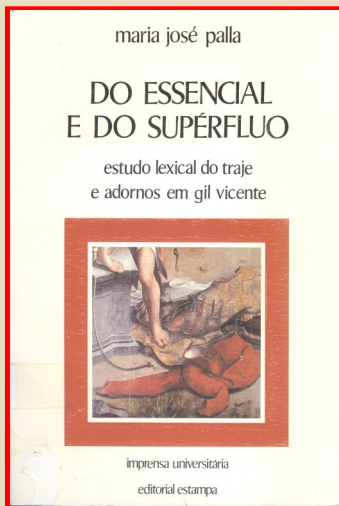
Sobre os textos

Tendo nascido sob o signo da Idade Média, Gil Vicente não colhe, todavia, totalmente do auto sacramental o que há de vir a constituir o melhor da sua inspiração e dessa nova técnica que experimentará, ainda vacilante, nas primeiras produções em castelhano, e à qual emprestará asas e independência, como se verá no Auto da Índia, e nomeadamente em Mofina Mendes e nos Autos da Alma e da Barca do Inferno, pilares firmes de uma teatrologia original.

Entre o auto simbólico medievo e o novo teatro renascentista, todo voltado para a dignificação do homem pelo predomínio da razão sobre o sentimento, abre-se, em Portugal, um tempo de transição, que talvez se explique pelo tardar da assimilação, entre nós, das novas ideias, dando lugar à revelação de um génio dramático, que por si só, com a sua obra, enche uma época.

Quando Gil Vicente, na tarde de 7 de junho de 1502 transpôs as portas da câmara... (p. 19).

Gomes, Alberto Figueira (1983). *Poesia e dramaturgia populares no século XVI: Baltasar Dias*. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa.



Cota: 80 PAL

Sobre os textos

A cor é um dos principais significantes do vestuário. Graças a ela, distingue-se à primeira vista a alegria da tristeza, a juventude da velhice, o camponês do senhor.

Ao longo do século XVI, a significação das cores no vestuário foi codificada em tratados, alguns dos quais chegaram até nós. Entre os mais importantes figuram *Le blason des couleurs en armes, livrés et divises*, escrito por Sicile, seguido de *Second traité du blason*, mais especificamente consagrado ao vestuário.

Neste último tratado, cada cor é associada a vários elementos da natureza: metais, pedras preciosas, corpos celestes e flores.

Segundo *Le blason des couleurs*, o branco está ligado à prata, ao cristal, à lua, à chuva à flor-de-lis e à pureza; um traje branco corresponde a uma pessoa «honnête, juste et de bonne conscience». A cor encarnada é associada... (p. 99).

Palla, Maria José (1983). *Do essencial e do supérfluo*: Baltasar Dias. Lisboa: Estampa.

sínteses da cultura portuguesa

HISTÓRIA DO TEATRO

Luiz Francisco Rebello



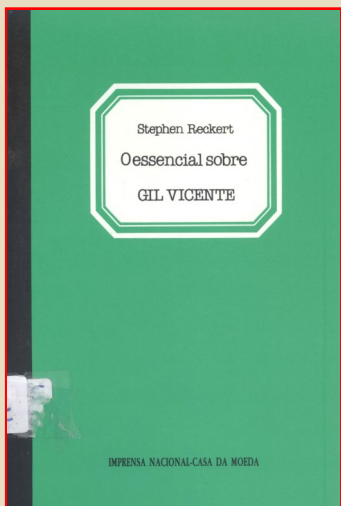
COMISSARIADO PARA A EUROPA 91 — PORTUGAL
IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Cota: 80 REB

Entre 1502 e 1536, Gil Vicente escreveu, interpretou e pôs em cena cerca de cinquenta autos, de que a maior parte foi reunida por seus filhos Luís e Paula Vivente numa Compilação editada em 1562 e reeditada vinte e quatro anos depois, com graves mutilações impostas pela censura inquisitorial. Dividiram aqueles a obra paterna em quatro secções – obras de devoção, comédias, tragicomédias e farsas -, mas esta distinção peca por evidente arbítrio, na medida em que aglutina obras dissemelhantes e separa obras afins. Mais curial, sem dúvida, é a classificação tripartida («comédias, farsas e moralidades») alvitada pelo próprio Vicente na carta que, na edição de 1586, antecede o Dom Duardos, e que engloba nos dois primeiros... (p. 20).

Rebello, L. F. (1991). *História do teatro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos



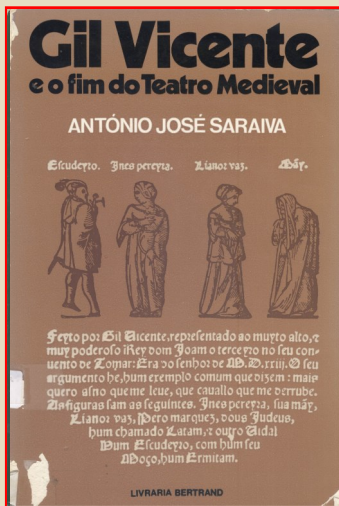
Cota: 80 REC

Que Gil Vicente é o maior poeta dramático português de todos os tempos, e que no dele (1465/70?-1536/40) era também o maior que até lá surgira na Europa pós-clássica, é ponto assente. Menos geralmente reconhecido é o facto de se tratar também de um poeta lírico sem igual na própria língua entre el-rei D. Dinis e Camões, ou na castelhana antes de Garcilasso de la Vega.

Tem-se pretendido «deduzir» o ano do seu nascimento partindo de alusões textuais mutuamente contraditórias à idade de personagens cujo papel não é de todo impossível que tenha desempenhado nalgumas das próprias obras (uma das quais - o Auto da Festa – também de data e até de atribuição controversas). Mas a hipótese mesma de Gil Vicente ter aparecido alguma vez em cena como comediante (e não apenas como relator) parece não ter mais fundamento do que uma interpretação errada da epígrafe da sua primeira peça...

Reckert, Stephen (1993). *O essencial sobre Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Sobre os textos



Cota: 80 SAR

Sobre os textos

Gil Vicente não conseguiu encontrar a unidade dramática. No seu teatro abundam os tipos, mas faltam os caracteres; isto é: há classes, mas não indivíduos, e sem indivíduos há casos, mas não problemas ou dramas. Por isso os tipos agitam-se, buscando algo a que se apliquem. Só o indivíduo é criador, só nele existe a perplexidade em face de uma situação nova, só ele pode escolher entre alternativas. No tipo-classe realizou-se, plasticizou-se uma solução: não há criador, mas criatura.

A demonstração mais cabal da incapacidade dramática de Gil Vicente parece-me estar no seu teatro romanesco, que é, como foi dito, o género por excelência por onde o drama entrou no teatro.

Importa em primeiro lugar distinguir o romanesco do dramático. O dramático põe à prova um indivíduo, podemos dizer, numa situação; o romanesco narra uma sucessão de acontecimentos... (p. 101).

Saraiva, José António (1981). *Gil Vicente e o fim do teatro medieval* (3.^a ed.). Amadora: Bertrand.

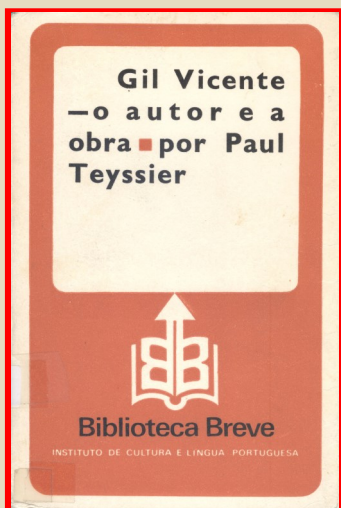


Cota: 80(09) SAR

Durante a Idade Média existiu um teatro religioso, nascido, em parte pelo menos, das representações litúrgicas do Natal e da Páscoa. Os seus géneros principais são, no século XV: os mistérios, que punham em cena, de forma mais ou menos realista, por vezes com centenas de figurantes e dezenas de episódios, a vida de Cristo segundo o Novo Testamento, e a parte do Velho Testamento que se considerava como «prefiguração» daquele; as *moralidades*, peças mais curtas cujas personagens eram abstrações personificadas, como os vícios e virtudes, ou tipos psicológicos; os *milagres*, que apresentavam situações dramáticas das vidas de santos, ou em que estes ou a Virgem intervinham miraculosamente; as farsas, género particularmente...

Saraiva, A. J., & Lopes, Ó. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.^a ed.). Porto: Porto Editora.

Sobre os textos

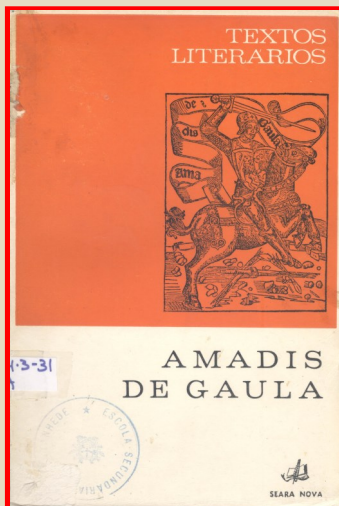


Cota: 80 TEY

Só em 1562 veio a público pela primeira vez num volume único a coletânea das obras completas de Gil Vicente sob o título *Copilação de todas as obras de Gil Vicente*. Trata-se duma publicação cuidada, a que poderíamos chamar hoje uma edição de luxo, em grosso volume de 266 folhas (532 páginas) impresso em Lisboa por João Álvares e datado de 22 de setembro de 1572 (côlofon). As obras de Gil Vicente são aí repartidas em cinco «livros»: 1 – Obras de devoção (= devoção); 2 – Comédias; 3 – Tragicomédias; 4 – Farsas; 5 – Obras miúdas. Esta última categoria contém, a par de diversas obras de caráter não – dramático, o Sermão à Rainha Dona Lianor e o Pranto de Maria Parda, que incluímos na lista dos autos. No conjunto, a *Copilação* reuniu todos os autos, com exceção do *Auto da Festa*. Este volume, de que se conhecem seis exemplares existentes no mundo... (p. 25).

Teyssier, Paul (1982). *Gil Vicente - o autor e a obra*. Lisboa: Inst. de Cultura e Língua Portuguesa.

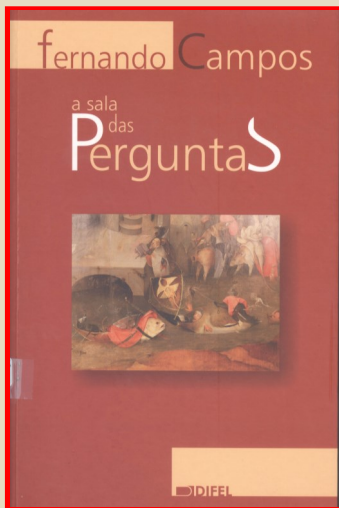
Sobre os textos



Cota: 821.134.3-31 AMA

A infância de Amadis

Um dia, Elisena, filha de Garinter, rei da Pequena Bretanha, trava conhecimento com o rei Periom de Gaula. Embora esquiva às coisas do amor e toda entregue aos deveres da religião (...) sente súbita paixão por Periom e entrega-se ao hóspede de seu pai. Desses amores, protegidos por Darioleta, aia de Elisena, nasce Amadis, que a sua mãe, para evitar sua vergonha, pôs à sua nascerça a vogar numa arca, bem calafetada, que foi ter ao mar. O recém-nascido é encontrado pelo batel de um cavaleiro escocês, Gandales, que resolve criar o menino juntamente com seu filho Gandalim, e a quem põe o nome de Donzel do Mar. Um dia passa pelo castelo o rei da Escócia, Languines, e leva os dois consigo. (p. 1).



Cota: 821.134.3-311.6 CAM

ConTextos

Até no meu sonho Grapheus não deixa de ser conceituoso e engenharia argutas observações.

- É notável, Damião, quanto aqui acontece. Repara mais uma vez no quadro...

- Mas eu estou dentro dele com estes companheiros. Não me canso de olhar, de tentar desvendar tudo isto que me rodeia.

- Atenta nos seres disformes, monstruosos que o autor criou.

- Tenho-o esmiuçado.

- De um modo geral dir-se-ia que o pintor se deixou cair na vulgaridade de repetir seres fabulosos da Antiguidade. Não há aqui grifos, sereias, esfinges, harpias, polifemos, unicórnios, basiliscos, cérberos...

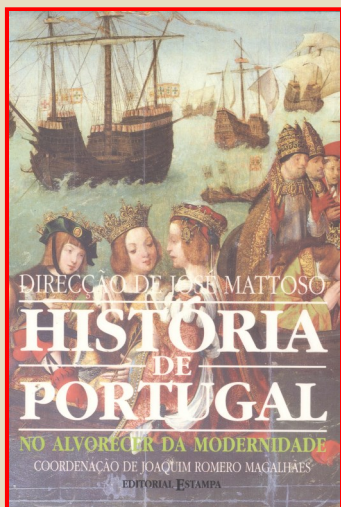
- É verdade. Para compor estes seres demoníacos Bosch deve ter seguido método muito rigoroso.

- ... estas asas, estas garras, estes bicos...

- Parece que pegou em papel e lápis e foi por aí fora...

- ... voou ao ar, escavou a terra, mergulhou nos pântanos, poços e fumas da água, entrou nas fráguas do fogo... (pp. 72-73)

Campos, Fernando (2005). *A sala das perguntas* (5.ª Ed.). Lisboa: Difel.

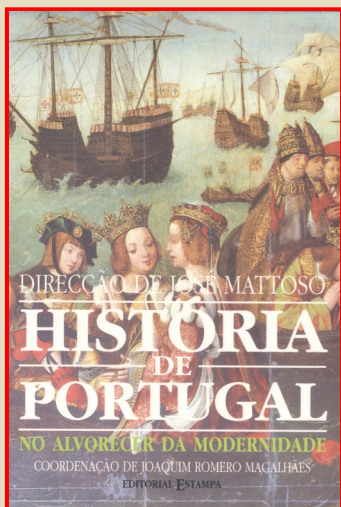


Cota: 94(469) MAT

D. João II inicia o processo que vai levar à construção do Estado moderno em Portugal: supremacia do rei, respeito pelos privilégios dos estados e grupos sociais, legislação harmonizada, mas não de aplicação universal. (...) D. Manuel avançará muito mais neste ordenamento da legislação do reino e na publicação de regimentos de funcionários. Tudo culmina com as Ordenações do reino, em 1514, logo revistas e publicadas em 1521. (...) desde 1521 o edifício jurídico estava montado e para durar. A visível superiorização do poder político acompanha este movimento. (...) O rei separa-se quase por completo dos súbditos, estruturando uma burocracia mediadora, reservando para si julgar certos casos. A lei, como for feita, deve ser escrupulosamente cumprida pelo monarca, que não hesita em pôr-se em questão, submetendo-se aos tribunais como parte. Isto especialmente pelo que toca ao direito civil... (p. 62).

Mattoso, José (1979). *História de Portugal: no alvorecer da modernidade (1480-1620)*

(3.º vol.). Lisboa: Estampa.

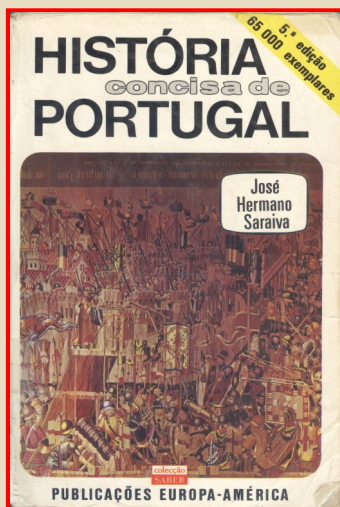


Cota: 94(469) MAT

O Rei vive em corte, com a companhia dos áulicos, que escolhe e que vai honrando pelas moradias, mercês, tenças, casamentos, comendas, um que outro raro título. Escolhe quem entende para o auxiliar no governo. Porém, não deixa de ter de justificar certas opções, pois havia pessoas mais principais do que as chegadas ao monarca. Os grandes e senhores devem visitar os seus senhorios, «o que nam poderia ser se todos os principais e grandes do Reino houveram d'entrar no governo dele». Convém que a corte seja pequena, e não grande (Gavetas, 1963, tom. III, p. 132). Desculpa mal amanhã. O rei distancia-se e o filtro das influências só permite a passagem de algumas informações. O que pode levar ao seu afastamento em relação ao reino. (...) Redes de etiqueta, de cerimonial e de hierarquia, com os seus valores cortesãos próprios. A parte de redistribuição de mercês e de favores régios... (p. 67).

Mattoso, José (1979). *História de Portugal: no alvorecer da modernidade (1480-1620)*

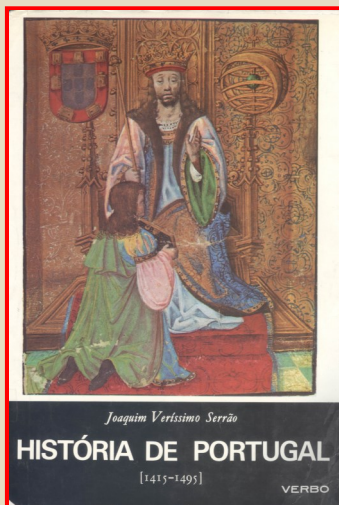
(3.º vol.). Lisboa: Estampa.



Cota: 94(469) SAR

Os testemunhos mais salientes da vida cultural nos meados da centúria de Quatrocentos são as crónicas de Fernão Lopes, o Leal Conselheiro, de D. Duarte, o nascimento do estilo manuelino e a origem da escola de pintura portuguesa, que tem o início e a obra máxima no políptico das Janelas Verdes. São obras muito diferentes entres si, mas que oferecem características comuns: o sentido da complexidade e a completa originalidade. São manifestações portuguesas, não aportuguesamentos de correntes estrangeiras. Pode, com base nelas, falar-se num renascimento quatrocentista português.

O número dos livros escritos não é grande. (...) Pelos finais do século XV começaram a funcionar em Portugal as primeiras tipografias; o primeiro livro foi impresso em Chaves, em 1489. Cada livro passou então a ter centenas de cópias e o grau de probabilidade... (p. 143).



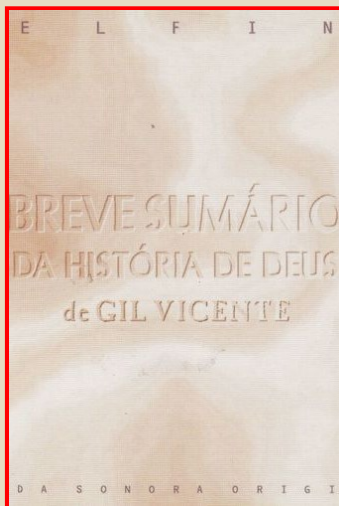
Cota: 94(469) SER

ConTextos

As Cortes de Lisboa de 1389 tinham determinado que nos lugares do Reino houvesse apenas os advogados, tabeliães e procuradores que fossem necessários; e as de Coimbra de 1400, que as vilas e lugares deviam ter juízes do seu foro, sendo estes confirmados pelo monarca. Mas já em Elvas, no início do século XV, a existência de vários tabeliães era motivo de controvérsia por suporem interesses privados que violavam as normas da boa justiça; (...)

Em muitos casos de doação a nobres, D. Afonso V concedeu também a administração da justiça. Para o que retirou esse poder aos corregedores gerais das comarcas (...). A situação diminuía a autoridade dos magistrados judiciais, devido à existência de um poder senhorial que dominava a vida pública. Por tal motivo, D. João II determinou que os nobres com tal privilégio não usassem mais dele, remetendo o pleno exercício... (p. 248).

Serrão, J. V. (9379). *História de Portugal* (2.ª Ed., 2.º vol.). Lisboa: Verbo.



Cota: 8 DEL

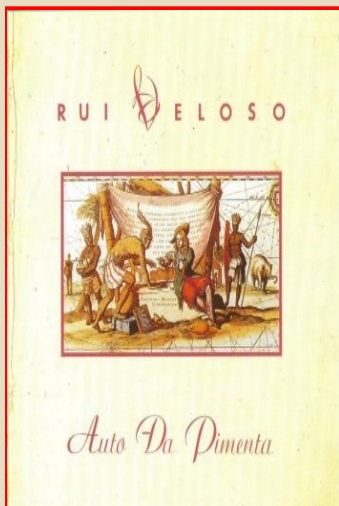
Quando me vires levar
pela rua da amargura,
que olhes minha figura,
e o sangue que eu derramar
tome tua alma por crua.

E, quando os saíões da cidade
me pregarem no madeiro
com fortes pregos de aceiro,
que olhes com que vontade
me entreguei ao carnicheiro.

E não quero de ti mais
lá reparte teus cruzados
teus impérios e reinados
E tuas pompas mortais
Que eu não quero teus morgados...

ConTextos

Delfins (1994). De Cristo para o mundo in *Breve sumário da história de Deus de Gil Vicente* [CD]. Odivelas: BMG Ariola.



Cota: 8 VEL

ConTextos

Sou um pobre timoneiro
Na noite imensa do mar
A Sul da minha solidão o Cruzeiro

Luz no céu para me guiar
Lanterna de navegar
Alivia-me a pressão
Que o leme está a queimar
Estamos longe do destino
E eu não sei onde é que isto vai parar

Cruzeiro do sul
Cruzeiro do sul

Lua não troces de mim
Tão longe de casa eu sei
O medo dança com as sombras
E eu vejo o que imaginei...

Veloso, Rui (1991). Cruzeiro do Sul *in* Auto da Pimenta [CD]. Lisboa: EMI Valentim de Carvalho.

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

